

A Campanha contra as sociedades de recreio

Um magriço de «praias» e «montanhas»
Erudição e moralidade que se equivalem

Se é um facto que no jornalismo tem existido e existem criaturas dotadas da mais apurada intelligencia, da mais remarcada honestidade e do mais notório bom-senso, não é menos certo que no mesmo jornalismo têm medrado e medram criaturas para quem o bom-senso, a honestidade profissional, a coerencia de affirmções e de procedimento, são *tout court*, leira mortã.

O motivo de uma tal falha desses apreciaveis predicaes, é de faeil explicação. Dotadas de uma instrução feita de superficialidades, de uma educação eivada dos mais crissos erros e preconceitos de ordem particular e social, a quasi todas essas criaturas, as atirou para o campo jornalístico; não a dedicação á causa popular, ao progresso da Humanidade, nem porfiado combate a todas as injustiças e desigualdades sociais, mas, sim, unica e simplesmente o desejo de passearem a sua vacuidade pelas columnas da grande Imprensa, quando não de, trepando pelas costas desta, alcançarem o almejado *tacao* «de toda a vida», que a olaria do Estado fabrica em série, para

distribuição aos «meninos bonitos» que o incensam.

Mas, se tais criaturas diferem entre si, quanto á finalidade que pelo jornalismo pretendem atingir uma coisa ha em que todos são iguais, iguaisinhos mesmo, como se da mesma fôrma saíssem: na ejaculação permanente das asneiras mais diversas, das trapacices mais variadas, das incoerencias mais maniestas, que, valha a verdade, constituem o prato diário de todo o jornal que se preza... de ter ao seu serviço jornalistas de tal calibre.

Uma autentica amostra dêsse prato, teem-na os nossos leitores numa pseudo campanha de moralidade, iniciada num jornal ha pouco apparecido em Lisboa, campanha que visa ao encerramento das sociedades de recreio, que o autor daquelle, o sr. Mario de Carvalho, um dos redactores principais da gazeta em questão, considera-as da maior desmoralização da sociedade, o factor inicial da prostituição.

Ora, embora admitamos que a ignorancia do sr. M. C. em questões eco-

nomico-sociais, o não deixe vêr quão diferentes são as causas do mal que ele diz condenar — a prostituição — não nos sofre o animo que a sua falta de bom-senso, a sua deshonestidade profissional, o levem ao ponto de responsabilizar todas as sociedades de recreio pelos desmandos praticados em uma ou numa duzia delas, bordando os comentarios mais absurdos fazendo as afirmações as mais disparatadas.

Se o espaço de que dispomos não fôsse tão exiguo, nós arquivariamos nestas colunas alguns periodos da «soculenta» prosa do sr. M. C., demonstrativos de que é bem certo aquele dictado de que «nada há mais atrevido, que a ignorancia»... Mas, se hoje o não fazemos, não quiere isso dizer que não tenhamos necessidade de o fazer em outro qualquer dia...

O que por agora nos interessa, é este facto. A indignação do sr. M. C., não é afinal, contra os Clubs chics, aqueles cujo publico feminino é exclusivamente composto de mundanas, e os frequentadores, na sua maior parte, *souteneuxes*, gatunos, profissionais do jogo! Não. A indignação do sr. M. C. — que grande moralista!... — vai, unicamente para as Sociedades de recreio... E porquê? Porque estas não contribuem materialmente para a *gazeta* de que o sr. M. C., é redactor, ao passo que os tais Clubs chics, o fazem!

Mentimos? ... Exageramos? Nada disso!

Nos numeros 2, 3, 4 e 5, da tal gazeta, encontram-se anuncios do Casino da Praia, em Cascais e... do Bal-Tabarin Montanha!...

Para estes, como para outros semelhantes, não pede o sr. M. C., as rapidas medidas do sr. Governador Civil! O que ele pode pedir, estamos já a ver, é, certamente, mais anuncios! Isso, sim!...

Que grandes «antros de perdição», as sociedades de recreio!... E que grande *moralista*, o sr. Morais de Carvalho!